



A Vida é Bela?

Juares Soares Costa(*)

*" E a vida?
E a vida o que é?
Diga lá, meu irmão!
Ela é a batida de um coração,
Ela é uma doce ilusão. "*
(Gonzaguinha)

O filme " A VIDA É BELA " desencadeou alguns debates, desde a justiça ou não de vencer o nosso " CENTRAL DO BRASIL", até questões éticas. É correto fazer humor com um tema tão sério como o nazismo e a morte de milhões de pessoas? Estas questões, especialmente a última, são relevantes, mas não são estes aspectos que pretendo abordar.

A "história oficial" do filme é a de um pai que se sacrifica pelo filho, para que este não sofra com os horrores de um campo de concentração. Mas quem precisa mais da fantasia, Guido(o pai), ou Josué (o filho)?

Desde o início, Guido se comporta como alguém que gosta (ou precisa) da fantasia. Sonha ser o rei, o príncipe, em busca de sua "princesa".

*" Agora eu era o herói
E meu cavalo só falava inglês.
A noiva do cowboy, era você, além das outras três.
Eu enfrentava os batalhões.
Os alemães, e seus canhões... "*
(Chico Buarque)

Guido precisa da fantasia, ou se quisermos, da negação da realidade, , para se defender do que não podia suportar. A guerra, o anti-semitismo, o nazismo. O "ovo da serpente" estava sendo chocando ao sol, apesar de seus esforços para não vê-lo.

(*) Psiquiatra, Terapeuta de Família e Casal. Diretor do INSTITUTO DE TERAPIA de FAMILIA e CASAL de CAMPINAS(SP). Fone/fax 0xx19-2422823.
E-mail juares@scosta.med.br
Junho de 1999.

Vários são os episódios em que Guido tenta enganar a si mesmo, mais do que a qualquer outro: A cena do ataque que o tio sofre quando de sua chegada a cidade. O cavalo do tio que é pintado de verde pelos fascistas. A placa no restaurante "Proibido para cães e judeus", cujo significado Guido minimiza para o filho. " Cada um coloca a placa que quiser", diz ele. Eu odeio visigodos e aranhas. Vou colocar uma placa em nossa livraria: "Proibido para visigodos" . Quem engana quem?

Quando a serpente dá seu bote e os agarra, levando-os para um campo de concentração, Guido cria a versão de que tudo aquilo é um jogo, uma gincana que premiará o vencedor com um tanque de guerra. Tudo supostamente para evitar que o filho sofra, para protegê-lo. Mas quem protege quem?

Em uma cena dramática, talvez uma das melhores do filme, Guido encontra Josué chorando, por ter descoberto que vão todos virar sabão. Guido minimiza a história, diz que é uma tentativa dos outros concorrentes em eliminá-los da gincana. Confunde Josué a tal ponto que este desacredita, (ou pelo menos tenta) no que vê e ouve, para acreditar no pai, de quem depende física e emocionalmente.

Um jogo perverso instala-se entre os dois. Josué fica preso em uma armadilha. Se acredita em si mesmo, ele nega o pai. Se acredita no pai, nega a si mesmo. Uma situação paradoxal, aparentemente sem saída, que faz lembrar a cantiga infantil americana que inspirou o título original do filme "Um estranho no ninho" : One flew over the cuckoo's nest.

*One flew to the north(um voo para o norte)
One flew to the south(um voo para o sul)
One flew to the east(um voo para o leste)
One flew to the weast(um voo para o oeste)
And one flew over the cuckoo's nest(e um voo por sobre o ninho do cuco)*

Uma das interpretações para esta cantiga, é a de que o último enlouqueceu, pirou. Diante de situações sem saída, constrói-se uma alternativa, que pode ser a loucura.

Esta história pode ilustrar a Teoria do Duplo Vínculo (Double Bind), que foi construída por Gregory Bateson e colaboradores, ao longo da década de 50. Começou com um projeto que inicialmente



dedicava-se a pesquisar a Comunicação entre os seres vivos, de um modo geral, e que acabou colocando seu foco nas questões relacionadas com a Comunicação entre pessoas de uma família, que tinha um de seus membros diagnosticados como esquizofrênicos.

Ao longo de um elaborado e minucioso projeto de pesquisa, baseado nas então novas teorias da comunicação, da cibernética e também da Teoria dos Tipos Lógicos (de Russel e Whitehead), eles criaram a primeira teoria sobre a gênese das doenças mentais, que não era apenas biológica, ou ligada às questões do mundo interno individual.

Ao observar famílias com um paciente diagnosticado como esquizofrênico, Bateson e equipe perceberam um padrão de interação e comunicação, que pode ser descrito assim, de forma bem simplificada e esquemática:

Tomemos uma situação em que estejam envolvidos o paciente e um ou mais membros de sua família. Em um nível, em geral da linguagem verbal, algo é comunicado. Por exemplo: "Meu filho eu te amo." Em outro nível, em uma linguagem não verbal, nega-se a afirmação inicial. Junte-se a isto uma proibição não explícita de se falar a respeito do que está acontecendo. E uma impossibilidade de que a pessoa, por ser muito dependente (um paciente internado, ou uma criança pequena), possa abandonar o campo onde tudo isto está se passando. Não se trata de uma situação isolada, mas de um padrão daquela família. Ou seja, este é o meio em que aquela pessoa, que mais tarde pode se tornar o paciente identificado, vive desde sempre.

A equipe formulou a seguinte hipótese: "Há uma causa para a chamada esquizofrenia, que não seja apenas biológica ou resultante de questões psicológicas individuais e internalizadas? Uma causa que fosse comunicacional, relacional?"

Sim, afirmaram Bateson e equipe. E seu trabalho pioneiro é reconhecido até hoje como sendo uma das origens da Terapia Familiar. Foi à partir da hipótese de que problemas de comunicação pudessem ser uma das causas dos problemas mentais, que eles partiram para tentativas de "tratar" o grupo familiar, buscando assim uma melhora não só do indivíduo, mas de todo o sistema.

Quase 45 anos se passaram desde aqueles estudos pioneiros e muitas revisões e críticas foram feitas à Teoria do Duplo Vínculo, sem contar os frequentes mal-entendidos a respeito da Teoria em si. De qualquer modo, ela ficou como um marco, como um referencial importante para o estudo e entendimento das relações humanas.



Voltando ao filme: Vejo Guido como um pai amoroso, que queria o melhor para Josué, mas que em minha opinião, foi guiado em seus atos, muito mais por seus problemas e limitações, do que por uma atitude altruísta de proteger o filho. Podemos pensar que ele atribuiu ao filho, as mesmas dificuldades em suportar as frustrações e angústias da vida, que ele, Guido, apresentava. Ao olhar para o filho, via antes de mais nada suas necessidades inconscientes.

No final, Guido deixa o filho escondido(abandonado) e vai em busca de sua "princesa". Morre em busca de seu sonho. O filho fica só, mas ao mesmo tempo é libertado da prisão paradoxal, do "duplo nó " que o prendia, e que poderia enlouquecê-lo. É resgatado pelos soldados americanos, e reencontra sua mãe.

Aliás, penso que a importância da mãe é subestimada ao longo de filme. Ela era a âncora, o "princípio de realidade" que tentava trazer Guido de volta a Terra, assim como a Josué.

Não sabemos o que o futuro reservou para Josué. Pela fala em "off " no final, podemos supor que cresceu e tornou-se um adulto, capaz de lembrar o passado com crítica e emoção. Talvez não o tivesse conseguido sem sua mãe.

Enfim, o que apresento são apenas reflexões inspiradas por um belo filme, que acima de qualquer interpretação , traz a beleza da arte, que sempre diz muito mais que qualquer tentativa de entendê-la. Como escreveu Edmund Wilson: " O artista diz mais do que sabe", e o crítico sabe mais do que diz.

A vida é bela?

*... Eu fico com a pureza da resposta das crianças,
É bonita, é bonita , é bonita.
Viver, e não ter a vergonha de ser feliz.
Cantar, e cantar, e cantar,
A beleza de ser um eterno aprendiz,
Eu sei, que a vida podia ser bem melhor, e será,
Mas isto não impede que eu repita,
É bonita, é bonita, é bonita.*

(Gonzaguinha)